

A IDENTIDADE REVISITADA EM
«A IMITAÇÃO DA ROSA» E «ADAMASTOR»

Maria Alice Sabaini de Souza Milani

en

Nélida Piñon

en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad
Salamanca

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ es Catedrática de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la Universidad de Salamanca, donde ejerce como profesora desde 1990. Ha publicado más de 150 artículos sobre Teoría, Crítica y Literatura Comparada en revistas especializadas, y es autora de más de una veintena de libros, entre ellos *Lecturas del «Quijote» (siglos XVII-XIX)* (1998), *Pío Baroja: Aspectos de la técnica narrativa* (1998), *De la Poética a la Teoría de la Literatura* (2005), *El bien y el mal de las ciencias humanas* (2005), *Mujeres barojianas* (2017) o *La poética de Lorenzo de Zamora: una apología de la literatura secular* (2020). Desde 2008 colabora con el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, donde ha dirigido varios proyectos sobre literatura brasileña y su interpretación en España. Fruto de este trabajo son numerosas obras, entre ellas *El oficio de escribir: Entre Machado de Assis y Nélida Piñon* (2010), *Un clásico fuera de casa. Nuevas miradas sobre Machado de Assis* (2011), *João Cabral de Melo Neto. Poeta en la encrucijada* (2012), *Jorge Amado, relectura en su centenario* (2013), *Manuel Bandeira en Pasárgada* (2015), *João Guimarães Rosa: Un exiliado del lenguaje común* (2017) y *Ferreira Gullar. Poesía, arte, pensamiento* (2019).

Desde 2013 ejerce la crítica literaria en *El Cultural* del diario *El Mundo*.

NÉLIDA PIÑON
EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS

A IDENTIDADE REVISITADA EM
«A IMITAÇÃO DA ROSA» E «ADAMASTOR»

Maria Alice Sabaini de Souza Milani

en

Nélida Piñon
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad
Salamanca

ET CAETERA, 53

© Ediciones Universidad de Salamanca
y los autores

1ª edición: abril, 2021

ISBN 978-84-1311-325-8 (POD) / Depósito legal: S 112-2021
978-84-1311-326-5 (PDF)
978-84-1311-327-2 (ePub)

Ediciones Universidad de Salamanca
<http://www.eusal.es>
eusal@usal.es

Impreso en España-Printed in Spain

Maquetación, impresión y encuadernación:
GRÁFICAS LOPE
C/ Laguna Grande, 2, Polígono «El Montalvo II»
www.graficaslope.com
37008 Salamanca (España)

*Todos los derechos reservados.
Ni la totalidad ni parte de este libro
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de
Ediciones Universidad de Salamanca*

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego
Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE
Unión de Editoriales Universitarias Españolas
www.une.es



CEP. Servicio de Bibliotecas

NÉLIDA Piñón en la república de los sueños / Ascensión Rivas Hernández (ed.).
—1ª edición: abril, 2021.—Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, [2021]
170 páginas.—(Et caetera ; 53)

Textos en español y portugués, con abstracts en español, portugués e inglés
DL S 112-2021.—ISBN 978-84-1311-325-8 (POD).— ISBN 978-84-1311-326-5 (PDF).
—ISBN 978-84-1311-327-2 (ePub)

1. Piñón, Nélida—Crítica e interpretación. I. Rivas Hernández, Ascensión, editor, autor.
821.134.3(81) Piñón, Nélida1.07

Índice¹

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Cosmovisión de Nélide Piñon.....	9
NÉLIDA PIÑON. A voz secreta da narrativa.....	15
DOMÍCIO PROENÇA FILHO. A inquieta ficção de Nélide Piñon.....	25
ANTONIO MAURA. Las dilatadas Españas de Nélide Piñon.....	37
MARIA INÊS DE MORAES MARRECO. A inquestionável estatura intelectual de Nélide Piñon.....	47
BEATRIZ WEIGERT. Nélide Piñon: a palavra da mulher.....	57
ANA LÚCIA TREVISAN Y REGINA HELENA PIRES DE BRITO. Voces en diálogos identitários: un análisis de los cuentos de <i>O calor das coisas</i> , de Nélide Piñon.....	67
CRISTINA MARIA DA SILVA. As metáforas do lembrar em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	79
MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA GUIMARÃES. Eulália, a rebelde «distráida» em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	89
MARÍA ISABEL LÓPEZ MARTÍNEZ. Nélide Piñon ante los géneros fragmentarios....	101
ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Historias que no cesan de narrar. Intertextualidad en <i>La camisa del marido</i>	113
CID OTTONI BYLAARDT. Nélide e Machado: um cruzamento sedutor de sistemas simbólicos.....	127
REJANE QUEIROZ. A condição feminina nos contos «I love my husband», de Nélide Piñon, e «Amor», de Clarice Lispector.....	137

¹ Este libro se inscribe en las actividades del GIR «ELBA» (Estudios de Literatura Brasileña Avanzados) que dirige Ascensión Rivas en la Universidad de Salamanca.

MARIA ALICE SABAINI DE SOUZA MILANI. A identidade revisitada em «A imitação da rosa» e «Adamastor».....	149
M. CARMEN VILLARINO PARDO. Posición autoral y repertorio(s) en el campo literario brasileño: Néida Piñon y <i>O calor das coisas</i> (1980).....	159

A IDENTIDADE REVISITADA EM «A IMITAÇÃO DA ROSA» E «ADAMASTOR»

Maria Alice Sabaini de Souza Milani

Universidade Federal de Rondônia

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo, fazer uma leitura comparada entre um conto clariceano e outro de Nélide Piñon, para analisar como as identidades tanto de Laura como de Adamastor são repensadas e modificadas a partir de experiências vivenciadas por tais protagonistas, quando se deparam em contato com o outro que lhe faz desejar recuperar sua identidade esquecida ou reconhecer, por meio da intertextualidade, a discrepância que há entre seu nome e sua identidade, enquanto membro de uma sociedade sexista. A ironia, e de certo modo, o desmascaramento dessas personagens são procedimentos narrativos que deflagram quem elas de fato são, e como as identidades podem ser alteradas. Para tanto, utilizaremos Bauman (1998), Hall (2002), Candido (2009) entre outros como embasamento teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector, Nélide Piñon, Identidade, Intertextualidade, Ironia.

«LA IDENTIDAD REVISITADA EN 'A IMITACIÓN DA ROSA' Y 'ADAMASTOR'»

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo hacer una lectura comparada entre un relato de Clarice Lispector y otro de Nélide Piñon para analizar cómo las identidades tanto de Laura como de Adamastor son repensadas y modificadas a partir de experiencias vividas por esos protagonistas cuando entran en contacto con otro que le hace desear recuperar su identidad olvidada, o reconocer, por medio de la intertextualidad, la discrepancia que existe entre su nombre y su identidad como miembro de una sociedad sexista. La ironía y, en cierto modo, el desenmascaramiento de esos personajes, son procedimientos narrativos que revelan quiénes son y cómo se puede alterar sus identidades. Para ello utilizaremos como base teórica, entre otros, a Bauman (1998), Hall (2002) y Candido (2009).

PALABRAS CLAVE: Clarice Lispector, Nélide Piñon, Identidad, Intertextualidad, Ironía.

THE IDENTITY REVISITED IN «A IMITAÇÃO DA ROSA» AND «ADAMASTOR»

ABSTRAC: This work aims to make a comparative reading between a Claricean tale and another one by Nélide Piñon, to analyze how the identities of both Laura and Adamastor are rethought and modified from the experiences lived by such protagonists when they come into contact with the other who makes them want to recover their forgotten identity or recognize, through intertextuality, the discrepancy between their name and their identity as a member of a sexist society. The irony and in a way the unmasking of these characters are narrative procedures that reveal who they really are and how identities can be changed. For this, we will use Bauman (1998), Hall (2002), Candido (2009) among others as a theoretical basis.

KEYWORD: Clarice Lispector, Nélide Piñon, Identity, Intertextuality, Irony.

NÉLIDA PIÑON E CLARICE LISPECTOR foram escritoras de grande relevância no contexto histórico cultural para o qual escreveram. A literatura produzida por elas não tem um compromisso com o simples entretenimento e nem com o registro de grandes feitos da humanidade, mas se preocupam com a capacidade da literatura através do manuseio com a linguagem tocar em questões pulsantes em seus textos e, no entanto, não se evidenciam substancialmente no primeiro plano das narrativas por elas produzidas. Em relação a este aspecto da escrita de Piñon, Leodegário de Azevedo Filho (*apud* Teixeira, 2012: s/p) afirma «para ela um texto literário sempre esconde uma cena latente por detrás do significado linear da cena manifesta. No seu processo de criação, desde cedo percebeu que a cena latente devia valer mais que a cena simplesmente manifesta». Em Lispector a mesma noção é percebida quando a própria autora escreve na primeira parte do seu livro *A legião estrangeira*:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra morde a isca, alguma coisa se escreve. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. (Lispector, 1964: 143)

Ambas também privilegiam situações do cotidiano, relevantes justamente por o que a palavra apenas indicia ou até mesmo silencia, tais escritoras também tocam com muita sutileza em questões como a condição da mulher na sociedade, sobretudo da década de 60 e meados da de 70, período em que as obras nas quais tais contos se encontram foram produzidas. Vale ressaltar que o livro *Laços de Família*, no qual está presente o conto «A imitação da rosa» foi escrito em 1960, ano que marca não só o retorno de Lispector ao Brasil e o lançamento de sua carreira como contista, mas também é o momento em que, conforme Martins (2010: 2):

O país, eminentemente rural, começava a se maravilhar com as belezas da cidade. Chegavam ao Brasil os eletrodomésticos, os supermercados, o Pão Pullman... e em breve o Rock n'roll, as calças jeans e o *Hot-Dog*: chegava o *American Way of*

Life. Em algumas revistas da época é possível esquadrihar os diversos produtos que aportavam no Brasil, além disso, vê-se o nascimento de uma classe-média urbana brasileira, a organização das cidades. O Brasil, através de JK, optava por um discurso progressista: caminhava-se em direção ao Oeste não desbravado, enquanto outra parcela rumava em direção ao Leste, em busca das novidades e oportunidades da cidade. Surgia então um novo estrato social urbano com características e anseios próprios, aliás, passava-se a construir uma identidade para esta classe social.

Este período também marca os anos que precedem a ditadura militar no Brasil, e o início da carreira de Piñon como escritora com a publicação de *Guia Mapa de Gabriel Arcanjo* em 1961. No entanto, o conto «Adamastor», que será analisado neste artigo, está presente na obra *Sala de armas*, publicado em 1973, ano que, de acordo com Veloso, Vilela e Giambiagi (2008: 224) faz parte do período conhecido como «milagre econômico brasileiro» que durou de 1968-1973. «Uma característica notável do «milagre» é que o rápido crescimento veio acompanhado de inflação declinante e relativamente baixa para os padrões brasileiros, além de superávits no balanço de pagamentos». Este também é o ano que faz parte do mais duro e repressivo período da ditadura militar conhecido como «anos de chumbo». Sobre esse momento histórico, Costa (2011: s/p) comenta «Foi a época dos desaparecimentos de políticos opositores, tortura e terrorismo». Assim, diante de um momento tão opressor, Nélide Piñon reconhece que «imaginação é um 'recurso interno...uma grande fagulha' que exalta o ser humano quando o permite transpor os limites de sua realidade» (Teixeira, 1995: 110).

A escolha de «A imitação da Rosa» de Lispector, e de «Adamastor» de Piñon é significativa, pois se no primeiro conto temos Laura, uma esposa que tenta enquadrar-se em uma sociedade que a oprime e que aniquila gradativamente sua identidade, no segundo conto temos Adamastor, que como o próprio nome sugere era visto como um grande homem, que, na verdade, subjugava a todos em decorrência dos cuidados que prestava as mulheres que acolhia em sua casa, e ao seu amigo, mas ao descobrir que seu nome fazia referência ao gigante de *Os Lusíadas*, sente-se de certo modo ridicularizado e repensa sua condição no mundo, redefinindo sua identidade, e reconhecendo não somente sua pequenez estrutural, mas também sua condição inferiorizada, tornando-se estranho e isolado em relação aos demais:

Na biblioteca municipal, buscou explicar à funcionária para que não pairassem dúvidas. – Não busco cultura, um simples esclarecimento. Quem foi Adamastor? Depois de muito hesitar, ele lhe trouxe *Os Lusíadas*, mostrando-lhe as páginas do herói. – Quer lê-lo? Adamastor sentia-se perplexo pelo livro, pelos óculos escuros da mulher e por descobrir-se herói, precisamente um gigante como buscou a mulher acentuar. Primeiro pelo olhar que envolveu seu corpo em minucioso exame, depois expondo seus feitos. Adamastor sentiu uma febre ingrata e o corpo tomado por uma raiva. Uma vez que não pudesse compreender que viesse a se chamar Adamastor um homem de um metro e cinquenta. [...]. Ironia sem dúvida do pai, que empenhara a mãe, botou o pé no mundo, antes deixando-lhe dinheiro para o parto, as primeiras necessidades e o bilhete que lhe foi mostrado

mais tarde e destruíra porque a memória conservou cada palavra: se for homem, por razões que não quero explicar vai se chamar Adamastor. (Piñon, 1973: 45-46)

Este episódio de descoberta a respeito do seu nome é provocado inicialmente por um marinheiro que lhe afirma ter sido Adamastor um herói. Após este tantos outros lhe aguçam a curiosidade. No entanto, ao ceder a esse sentimento, o protagonista se depara com sua pequenez e com a recordação de que aquele nome havia lhe sido dado para cumprir a vontade do pai que o abandonara antes mesmo que ele nascesse, mas não se esquecendo de deixar esse pedido em um bilhete.

É importante atentar-se para o fato de que mesmo não estando presente na vida de Adamastor e nem na de sua mãe, o pai exerce, principalmente, sobre essa sua vontade e propicia, ainda que sem o saber a ridicularização do filho durante parte de sua vida, ou seja após este descobrir quem fora Adamastor de fato. Nesse sentido, o pai, ainda que ausente, exerce em relação aos seus um papel patriarcal, na medida em que, de certa forma, se impõe como sujeito sobre eles e reforça a objetificação da mulher e consequentemente do filho. A partir dessa revelação, Adamastor intensifica a estranheza que sente sobre si em relação aos demais. A respeito desse estranhamento, Bauman (1998: 27) esclarece que:

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – [...], se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez da origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos.

Com base nesta citação é interessante observar que, no caso de Adamastor, o estranhamento identitário por assim dizer se dá sobretudo desse personagem em relação ao outro com o qual interage ou pelo qual é interpelado. Inicialmente, essa caracterização se apresenta de forma camuflada e se dá na maneira com a qual admira a virilidade do amigo quando conversam durante todos os dias no café da manhã:

Cuidava de João Manco como quem tivesse adotado o outro. [...]. Viviam em perfeita harmonia. Quem contrariasse Adamastor, soubesse que João Manco, cujo apelido não obedecia a defeito do corpo, pois não somente ele brilhava novo, como as mulheres gostavam depressa, só olhando – arregaçava as mangas, os dentes vinham para fora e um conjunto de músculos imitava a rapidez do galhos, tudo isso motivo de enorme orgulho para Adamastor que apreciava virtude assim de lançar-se a norte. (Piñon, 1973: 41; 43)

O desconforto e a inadequação ao mundo que o cerca também podem ser comprovadas pelo olhar minucioso com o qual a moça da biblioteca o olha quando ele lhe pergunta quem era Adamastor, ou pelo receio de que alguém

o abraçasse e lhe chamasse pelo nome o que para o protagonista soaria zombeteiro agora que ele sabia que Adamastor fora um gigante, e que ele ironicamente era um anão. Por isso, numa tentativa de reafirmar que a ignorância fora melhor que o conhecimento, Adamastor generaliza:

-Gente letrada é puro nojo. Surpreendendo aos que o sabiam vaidoso e pernóstico no falar. A todos fiscalizava com desconfiança. Aguardava que de repente, o abraçassem e dissessem entre risos e enfados: - Então gigante Adamastor! Entrou humilhado no bar. Era um anão agora e lhe cabia a exibição. Pegava a carteira de identidade e ali registrava: um metro e cinquenta, nenhum centímetro a mais e com nome de gigante. Não sabia com quem desabafar. João era incapaz de compreender. [...]. Mulheres não serviam para confidencias. Mulher é burra falou para compensar a altura. E ostentava pelo bar uma seriedade ferida. Circunspecto adotara gravata marrom e terno branco. (Piñon, 1973: 46)

Nessa citação, nota-se que não só a identidade de Adamastor é reestruturada a partir da informação obtida por seu interesse a respeito do seu nome, mas também há uma estigmatização das mulheres, enquanto não confiáveis e burras, ou seja, há uma tentativa de afirmação do ego ferido do protagonista com base em uma diferenciação preconceituosa que ele faz do gênero ao qual se refere, uma vez que sua baixa estatura não lhe incomodara até então, tanto que o narrador assim inicia a narrativa:

Adamastor tinha um metro e cinquenta. Sua fraqueza era gostar de mulher, levando-a para casa, ainda que não o agradassem. Ia logo comprando vestido com rosas vermelhas e enfeitando-lhe as bocas com pivô de ouro. Nenhuma lhe havia chegado em bom estado. Coube-lhe sempre a tarefa de salvar o aflito, ele considerava pela manhã fazendo a barba. (Piñon, 1973: 40)

Nunca o viram chorar, ou lastimar a estatura. Pois se lhe denunciava a fragilidade acrescentava sorridente: - O que tenho basta para me julgar um homem. Abriu um boteco perto do cais, região onde seu corpo melhor florescia. (Piñon, 1973: 41)

Nesses fragmentos, há por parte do narrador uma tentativa de instaurar uma harmonia do protagonista em relação a sua estatura, na medida em que o fato de este ser baixo era compensado pela grandiosidade de suas ações sempre procurando auxiliar as mulheres que dele dependiam para viver ou o seu amigo que não tinha nenhuma perspectiva de futuro. Diante dessas atitudes do protagonista, e de seu papel de «salvar os aflitos», o narrador o compara de certa forma com Jesus. Entretanto, essas mulheres objetificadas almejavam sua liberdade e mesmo melhorando suas condições físicas e econômicas, Adamastor não conseguia aplacar a aflição delas, indiciando que provavelmente o fato de que também a sua aflição interna não poderia ser aplacada pelos bens que adquirira. Nota-se, dessa forma, uma identificação entre as mulheres que queriam fugir e Adamastor que já havia se refugiado em várias cidades da orla marítima:

quando se restabeleciam, já dispoño de um pequeno patrimônio constituído de moedas que Adamastor depositava diariamente num porquinho de plástico sobre

a mesa de cabeceira, procuravam fugir. Às vezes, ele poderia indicar com certeza o dia da fuga, os pequenos atos de passarinho, ele comparava. Mas jamais os impediu, ou se deixou sensibilizar por eles. Também ele não fizera outra coisa senão refugiar-se em algumas cidades da orla marítima. (Piñon, 1973: 40)

Essa imagem de Adamastor fosse o salvador dos mais necessitados é reforçada no seguinte trecho, em que há até mesmo uma alusão ao texto bíblico no qual Deus separará o joio do trigo no dia do juízo final, tal como o protagonista faz ao selecionar quem ajudará diante de tantos aflitos que lhe pedem auxílio:

Gritavam-lhe mulheres e pederastas:

- Cuide de mim Adamastor. Ele ria separando o trigo do joio, porque lhe agradava citações bíblicas, com rara habilidade, que não se contava uma história de inimizade em toda a sua vida. [...] Sempre, porém que se mencionava o passado Adamastor recolhia-se como um caramujo. Sua mais antiga referência jamais ultrapassava um mês. (Piñon, 1973: 41)

No entanto, apesar de toda a popularidade que o protagonista possuía, seu passado é algo nebuloso, pois Adamastor evita comentá-lo. Essa recusa em falar do seu passado que, inicialmente, parece ser uma lacuna no texto e na vida da personagem, pode ser considerada um indício de uma história latente e conflituosa de Adamastor com sua origem tanto que:

A imagem do pai assassinara inúmeras vezes e não bastou, como também mudar de cidade ou adotar outro nome. A certeza de ser Adamastor o consumia por dentro. O martírio devia ele pleitear por uma questão de orgulho.

Qualquer dia me mando. Busco outra terra. Aqui já não ando mais.

Escondia-se atrás da Caixa registradora até que o esquecessem. Já não atendia a clientela. Buscava a obscuridade. [...]. A freguesia compreendia, e João Manco também que Adamastor já não era mais o mesmo. (Piñon, 1973: 47-48)

Tal consciência, modifica a sua identidade de um homem satisfeito com aquilo que tinha e amigo de todos, para alguém envergonhado e humilhado e oprimido, que passa a se isolar dos demais, justamente porque ao descobrir o significado do seu nome, revisita o seu ser e acaba percebendo que o que fora até então precisa ser reformulado. Mas antes de se isolar, ele tenta esclarecer para si mesmo a significância que tal nome teria na reformulação daquilo que ele fora até então, reconhecendo que não seria fácil conviver com o que tal descoberta provocou em seu íntimo e em sua identidade:

- Gosta do meu nome? Acabou dizendo.

João fez que sim. Acrescentou, indiferente:

-Nome de cabra. Mas Adamastor sabia que o cabra não era ele. Havia um outro melhor que o antecipara, e de tal modo, que seu nome ficou registrado em um livro, pelas suas façanhas de demônio. Não lhe cabia mais competir no mundo e as mulheres também o constringiam. (Piñon, 1973: 47)

No conto «A imitação da rosa» é apresentado ao leitor, desde as primeiras linhas, uma situação em que o conflito de Laura já está instaurado, uma vez que a personagem feminina encontra-se inquieta e ansiosa com todas as coisas que tem que fazer antes de o marido chegar para levá-la à casa de um casal de amigos para jantar:

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente. Há quanto tempo não faziam isso? (Lispector, 2009: 34)

É interessante observar que, desde o início da narrativa, a personagem não descansa tanto em decorrência de seus afazeres domésticos quanto em virtude de sua consciência infernal que a todo momento a faz lembrar da necessidade de se mostrar perfeita e normal, inicialmente para o marido e, em extensão, para a sociedade que aqui é representada pela empregada e pelo casal de amigos. Nesse sentido, a intriga se intensifica, na medida em que, por meio do monólogo interior da personagem, ficamos sabendo que já fazia tempo que o casal não fazia algo tão simples como sair juntos. Contudo, a presença do vocábulo antigamente, sugere ao leitor que algo havia acontecido no passado para que o casal deixasse de sair. Além das lacunas, as reiteraões de ideias ou palavras também auxiliam o leitor a perceber a existência de uma outra estória, além de evidenciar com mais intensidade o conflito interno da personagem. Por exemplo, quando, no segundo parágrafo, aparece que a personagem «estava de novo bem» ou que ela «agora estava 'bem'» (Lispector, 2009: 33 e 34), essa informação não tem a única função de nos informar sobre o estado de saúde da personagem, mas também nos alerta, por meio dos advérbios, que a protagonista, possivelmente, passou por um problema emocional, ou seja, além de nos esclarecer, parcialmente, o motivo pelo qual ela não saía com o marido, também nos insinua que essa melhora pode ser temporária, conforme se confirmará ao longo do texto, no qual acompanhamos o desenrolar da intriga que se dá de forma dupla: ora como parte necessária ao desenvolvimento da narrativa, ora porque transcende da narrativa, de um modo geral, para o interior da personagem. Tal excerto demonstra como o conflito deixa de ser um elemento da narrativa para ser um elemento intrínseco de Laura:

Interrompendo a arrumação da penteadeira, Laura olhou-se no espelho: e ela mesma, a quanto tempo? Por acaso alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera? (Lispector, 2009: 35)

Encaminhou-se para a cozinha e, como se tivesse culposamente traído com seu descuido Armando e os amigos devotados, ainda junto da geladeira bebeu os primeiros goles com um devagar ansioso, concentrando-se em cada gole com fé como se estivesse indenizando a todos e se penitenciando (Lispector, 2009: 36) Não mais aquele ponto vazio e acordado e horrivelmente maravilhoso dentro de si. Não mais aquela terrível independência. Não mais a facilidade monstruosa e simples de não dormir – nem de dia nem de noite – que na sua discricão a fizera

subitamente super-humana em relação a um marido cansado e perplexo. [...]. Agora, nada mais disso. Nunca mais. Oh, fora apenas uma fraqueza; o gênio era a pior tentação. (Lispector, 2009: 38)

As três citações são significativas, pois nos permitem interver o eixo norteador de toda essa intriga entre ser o que a protagonista é de modo integral, e ser o que as expectativas alheias esperam que ela seja. Assim, Laura tenta o tempo todo se ajustar a convenção social para ser aceita pelos outros. Contudo, fracassa porque não consegue se manter estável e perfeita o tempo todo. Nesse sentido, o episódio do espelho é emblemático porque, não só revela o nome da protagonista, como também a faz ver a si mesma não só exteriormente, mas intimamente, por meio da sua imagem refletida. Sobre essa falta de nome e características da protagonista até esse momento do conto, Cátia Castilho Simon (1999) comenta:

Ao contrário do esperado, quando nos deparamos simplesmente com um nome de personagem, sem biografia, nem os traços exteriores, sentimos que os procedimentos de construção das personagens são tentativas empreendidas por Clarice a fim de comunicar-se com nossa intimidade, com o mais recôndito e profundo de nós mesmos. (Simon, 1999: 330)

O texto nos revela também que apesar da sobriedade de sua vestimenta e de sua aparência, seu interior sofria de uma incompletude na medida em que não só não podia ser mãe, como também não podia ser ela própria. Para conter seu desajuste e sua consciência infernal, ela cumpre as ordens do médico, para se manter perfeita e dentro da normalidade, pois à medida que se penitencia, agindo mecanicamente e impessoalmente, também se redime diante de seu marido e de seus devotados amigos.

Na terceira citação, a personagem colabora substancialmente para a manutenção do conflito que se torna a cada linha do texto mais dramático. Nesse momento, começa a irromper a identidade de Laura no passado, e a falta de filhos da primeira citação é substituída por um vazio, ou seja, por mais que Laura tente se recuperar, traçando uma rotina de afazeres domésticos, se vestindo de cores neutras e tendo uma aparência apagada, dentro dela ainda existe um vazio que somente a fraqueza tentadora do seu gênio pode preencher. Nesta citação, é evidente a presença do «não» e do «nunca», demonstrando a dramaticidade de sua narrativa clariceana, e a intensificação da intriga na qual a personagem está envolvida. Nesta parte da narrativa, todos os elementos espaciais e a própria caracterização da personagem e de suas ações obedecem a um ritmo monótono e repetitivo, favorecendo a composição de uma atmosfera condizente com essa situação.

A preferência da autora contemporânea pelo tempo psicológico advém da tentativa em retratar de forma mais intensa a angústia de suas personagens, na medida em que ao mesmo tempo que vivenciam a passagem do tempo físico, uma vez que não podem pará-lo, se distanciam dele para narrarem suas frustrações e anseios. Geralmente, esse conflito interno da personagem é centrado

em sua relação com o outro e com a necessidade de ajustar-se às expectativas dele. Como se evidencia nas citações abaixo:

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente. Há quanto tempo não faziam isso? (Lispector, 2009: 34)

Mas ainda era cedo [...].

Ainda era tarde. Uma tarde muito bonita.

Aliás já não era mais de tarde.

Era de noite. Da rua subiam os primeiros ruídos da escuridão e as primeiras luzes. (Lispector, 2009: 50)

A primeira citação não só demonstra o esforço e a vontade de Laura em agradar o marido, se arrumando antes da chegada dele para depois, ficar à sua disposição no que ele precisasse. Além disso, esse trecho também exemplifica o uso do tempo psicológico nos contos de Clarice Lispector, uma vez que a autora mistura em um único pensamento, o presente da expectativa da personagem em se preparar para o jantar com o futuro, no qual ela arrumaria a casa, se trocaria e ajudaria o marido, para, enfim, saírem. Todas essas ações que ela deveria realizar antes de que o marido chegasse para irem jantar a remete a um passado perceptível pelo advérbio antigamente. Já a segunda citação remete ao momento vivido pela protagonista após a epifania. Nota-se que a alienação da personagem, decorrente da sua experiência apreensiva, faz com que seja rompida toda a noção temporal demarcada. Além do monólogo interior, o fluxo de consciência pode ser encontrado no seguinte fragmento:

Com seu gosto minucioso pelo método – o mesmo que a fazia quando aluna copiar com letra perfeita os pontos da aula sem compreendê-los – com seu gosto pelo método, agora reassumido, planejava arrumar a casa antes que a empregada saísse de folga para que, uma vez Maria na rua, ela não precisasse fazer mais nada, senão 1º) calmamente vestir-se; 2º) esperar Armando já pronta; 3º) o terceiro o que era? Pois é. Era isso mesmo o que faria. E poria o vestido marrom com gola de renda creme. Com seu banho tomado. Já no tempo do Sacré Coeur ela fora arrumada e limpa, com um gosto pela higiene pessoal e um certo horror à confusão. O que não fizera nunca com que Carlota, já naquele tempo um pouco original, a admirasse. (Lispector, 2009: 35)

Por fim, vale ressaltar que a linguagem clariceana tende muitas vezes ao silêncio, uma vez que Clarice não acredita no poder da palavra por essa não conseguir definir o ser em sua completude. Por isso, como afirma Sá (1979: 52) «o silêncio é a única possibilidade de alcançar o indizível». Tal relevância e representatividade do silêncio pode ser evidenciada em todo o processo que descreve a reação de Armaldo ao retornar do trabalho e encontrar Laura no sofá:

Ela estava sentada com o seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. Com timidez e respeito, ele a

olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranqüila como num trem. Que já partira. (Lispector, 2009: 53)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauman, Zygmunt. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Costa, Leopoldo. (1973). *História econômica do ano de 1973*. Disponível em: <https://stravaganzastravaganza.blogspot.com/2011/08/historia-do-ano-de-1973.html>. (Acesso em: 19/09/2018).
- Hall, Stuart. (2002). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Lispector, Clarice. (1964). *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- (2009). *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Martins, Marcus. (2010). «Imitação do silêncio: um ensaio sobre o conto 'A imitação da rosa' de Clarice Lispector». Em *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. Ano 3 - Edição 4. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35455/38174/>. (Acesso em: 25/09/2018).
- Piñon, Nélide. (1973). *Sala de armas*. Coleção Ache dos imortais da literatura brasileira.
- Sá, Olga de. (1979). *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes.
- Simon, Cátia. (1999). «Clarice Lispector sob suspeita». Em *Sociologias*, ano 1, n.1, jan/jun. Porto Alegre: PPGS/UFRGS.
- Teixeira, Borges. (2012). *Entre o ser e o estar: a mulher no universo literário de Nélide Piñon*. Disponível em: <http://litcult.net/2012/10/16/entre-o-ser-e-o-estar-a-mulher-no-universo-literario-de-nelida-pinon/>. (Acesso em: 20/09/2018).
- Teixeira, Regina. (1995). «Texto, contexto e pretexto na obra de Nélide Piñon». Em *Letras de Hoje*, v. 30, 109-117.
- Veloso, Fernando; Vilela, André; Giambiagi, Fábio. (2008). «Determinantes do 'milagre' econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica». *RBE*, v. 62, n. 2, 221-246. Abr-Jun 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbe/v62n2/06.pdf>. (Acesso em: 19/09/2018).
- Zolin, Lúcia. (2009). «Crítica feminista». Em: Bonnici, Thomas; Zolin, Lúcia Osana (org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 161-183.

La obra literaria de Nérida Piñon se asienta sobre tres pilares fundamentales: su país, sus orígenes españoles y la escritura en sí. Brasil y España conforman los dos polos geográficos entre los que se desarrolla la visión nelidiana del mundo en general («Desde la más tierna infancia he sentido los efectos de la doble cultura. Destinada a reivindicar el mundo desde un punto de vista doble», dirá) y de la literatura en particular, mientras escribir es para la autora el modo de relacionarse con el mundo y un instrumento que le permite explicarse a sí misma. Como reflejo de esta necesidad de ser interpretada en esa multiplicidad de facetas, en este libro se recogen todas las dimensiones de la cosmovisión nelidiana. Para ello se reúnen algunas de las ponencias y comunicaciones que se presentaron en el I Congreso Internacional de Literatura Brasileña «Nérida Piñon en la República de los sueños», que se celebró en la Universidad de Salamanca en noviembre de 2018. Conforman estas páginas los trabajos de algunos de los brasileñistas más importantes a ambos lados del Atlántico: Domício Proença, Antonio Maura, María Isabel López Martínez, Carmen Villarino o Ascensión Rivas Hernández. En el libro se recogen, además, las investigaciones de estudiosos pertenecientes a diferentes universidades brasileñas, muchos de ellos desde una perspectiva comparatista. Algunos de estos trabajos hacen un examen general de la obra de la autora; otros abordan aspectos sobre el feminismo en su narrativa o analizan sus personajes femeninos; en otros se estudian las relaciones entre los dos espacios geográficos vitales de Nérida Piñon, Galicia y Brasil. Mención especial requiere el capítulo reservado a la propia autora en el que se recoge su intervención en la clausura del Congreso. En su discurso, Piñon analiza *La república de los sueños* y lanza una mirada cómplice hacia sus personajes deteniéndose particularmente en la figura del emigrante y reflexionando sobre el dolor que implica el abandono del país de origen.

O I Congresso Internacional de Literatura Brasileira: Noite Literária em La República de los Rios, realizada sob o auspício de seus parceiros da Universidade de Salamanca, no ano de 2018, que se este encontro tem o sabor de uma festa, o encontro em si é profundo e a riqueza do evento não se encontra em qualquer lugar.

O encontro que proporciona uma interação entre o Brasil e o mundo, através de eventos que vão além da sala de aula, e busca criar um espaço de diálogo e troca entre os participantes, além de proporcionar um momento de reflexão sobre a literatura e a cultura brasileira, além de proporcionar um momento de reflexão sobre a literatura e a cultura brasileira.

Com sua própria experiência com eventos de literatura, a Fundação Cultural Brasileira oferece um espaço para que os participantes possam compartilhar suas experiências e conhecimentos, além de proporcionar um momento de reflexão sobre a literatura e a cultura brasileira.

